



MODOS AUTÔNOMOS DE IDENTIFICAÇÃO JUVENIL NO OESTE CATARINENSE: UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA E ETNOGRÁFICA - PARTE II

**ELOISE KIST HOSS¹, JÚLIO HENRIQUE ROSA DE MORAES², LAÍS GRIEBLER
HENDGES³, IVAN PAOLO DE PARIS FONTANARI⁴**

1 Introdução/Justificativa

Apresentamos os resultados da pesquisa realizada no período entre agosto de 2016 a julho de 2018, trabalho que foi desenvolvido a partir da inserção das e dos pesquisadores em universos como a escola e em vivências juvenis autônomas. A aproximação desta pesquisa com o universo escolar visou a investigação dos universos de sentido, das práticas culturais e dos modos autônomos de organização dos/as jovens nas vivências escolares e para além delas, como em espaços de lazer. Os conceitos, debates e estudos empíricos sobre os/as jovens e suas práticas, quando mobilizados pelos professores nas práticas de ensino, potencializam o processo de aprendizagem das/os estudantes do ensino básico.

O sujeito juvenil no mundo contemporâneo constitui-se socialmente através da integração social enquanto força de trabalho e tem na indústria cultural consideráveis referências identitárias. Nesse contexto as/os jovens também emergem socialmente enquanto sujeitos de direito para o discurso jurídico que os separa do adulto. É no período do pós-guerra que a juventude emerge, na modernidade, enquanto categoria social que obtém maior visibilidade como atores diferenciados (REGUILLO, 2013. p. 40). Acrescenta-se a esses aspectos contextuais mais abrangentes a globalização e os domínios tecnológicos da atualidade. Tomamos a noção de jovem e juventude como uma categoria relacional, não

1Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Sociais na UFFS, *campus* de Chapecó-SC. Bolsista de Iniciação Científica FAPESC/UFFS no Grupo de Pesquisa Antropologia, Jovens e Juventudes. Contato: hosseloise@gmail.com.

2Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Sociais na UFFS, *campus* de Chapecó-SC. Bolsista voluntário no Grupo de Pesquisa Antropologia, Jovens e Juventudes.

3Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Sociais na UFFS, *campus* de Chapecó-SC. Bolsista voluntária no Grupo de Pesquisa Antropologia, Jovens e Juventudes.

4Professor do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, *campus* de Chapecó-SC. Coordenador do Grupo de Pesquisa Antropologia, Jovens e Juventudes e orientador deste projeto. Mestre e Doutor em Antropologia Social pela UFRGS.



absoluta, diferenciadora das formas de pensar e agir no mundo que refletem distinções de classe, gênero, etnia, entre outras.

2 Objetivos

O objetivo desta pesquisa consistiu em investigar os modos autônomos de identificação dos/as jovens, suas próprias categorias, símbolos e objetos a partir dos universos em que estão inseridos. Tomamos como ponto de partida a E. E. B. Cel. Lara Ribas, localizada no bairro Passo dos Fortes, em Chapecó-SC. A partir da aproximação com as/os estudantes no universo escolar, realizamos observações participantes em espaços de lazer nos quais estes jovens atuam, como jogos de vôlei e festas *eletrofunk* (os “rolês”), visando conhecê-los/as em seus próprios termos. Além destes cenários, buscamos compreender o processo de resistência política dos/as estudantes que atuaram no movimento estudantil de ocupação de escolas, no ano de 2016, na cidade de Chapecó-SC. Investigar as práticas juvenis implica em desnaturalizar e transformar as abordagens sobre tais práticas na medida em que estas abordagens refletem perspectivas adultocêntricas ou que tomam as/os jovens como sujeitos passivos, sobretudo nos processos de escolarização, espaço onde as/os jovens podem conscientizar-se enquanto sujeitas/os e cidadãos/os em seus lugares de pertencimento social.

A partir disso, visamos constituir subsídios pedagógicos, conceituais e metodológicos aos estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais matriculados nos Componentes Curriculares (CCRs) de Estágio Curricular Supervisionado I. Nesse sentido, buscamos disponibilizar suporte teórico, temático e metodológico dedicado à elaboração de um diagnóstico institucional e sociocultural da instituição escolar, de acordo com o objetivo deste Componente Curricular, contemplando aspectos teórico-metodológicos do campo da Antropologia dos/as Jovens e da Juventude. Além de contribuir com a formação docente dos/as estudantes de graduação na UFFS, elaboramos um documento de Orientação Didático-Pedagógica com o objetivo de socializar os resultados do projeto nas escolas, visando a qualificação de professores do ensino básico da área de Ciências Humanas.

3 Material e Métodos/Metodologia

Embora tenhamos tomado “a escola” como ponto de partida para a realização das observações participantes e do trabalho de campo, a interação com as/os estudantes também



ocorreu em outros cenários, nos quais as/os jovens atuam de forma relativamente autônoma, compartilhando sentidos, significados e vivências comuns. A partir da inserção das/os pesquisadoras com as/os jovens em espaços de lazer, como em jogos de vôlei, de futebol, nos “rolês”, festas *eletrofunk*, batalhas de *RAP* e nas escolas ocupadas que emergiram as e os colaboradores da pesquisa, as e os sujeitos juvenis que concederam entrevistas e possibilitaram a inserção das/os pesquisadoras em suas vivências.

Realizamos entrevistas com 11 estudantes do Ensino Médio da E.E.B. Cel. Lara Ribas e outros 09 estudantes de mais 4 escolas situadas em Chapecó-SC. As entrevistas foram realizadas na escola Lara Ribas, em espaços públicos como a praça Coronel Bertaso, em Chapecó, no laboratório de Ciências Sociais e História da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Chapecó, na residência de uma das pesquisadoras, e também nas residências das estudantes da E.I.E.F. Fen'Nó, na Terra Indígena Toldo Chimbangue. Além das entrevistas que foram registradas em gravador de áudio, e algumas em vídeo, registramos as observações participantes em Diários de Campo, em imagem fotográfica e vídeo.

A experiência da pesquisa demonstrou que a observação participante e seu subsequente registro em diário de campo, tende a ser uma ferramenta metodológica de aproximação na relação entre professores/as e estudantes (sujeitos específicos em relações cotidianas de interação). Dessa forma, a antropologia e seus recursos epistemológicos podem ser mobilizados como ferramenta na formação dos/as estudantes do ensino básico e também para uma atuação qualificada de seus respectivos/as professores/as.

4 Resultados e Discussão

O emprego de critérios de classificação e princípios de diferenciação - do que é ser jovem - são estabelecidos de maneiras diversas em distintas épocas e sociedades, como os membros e classes de idade que as compõem. Diante disso, a pesquisa empírica é fundamental para conhecer e mapear cenários protagonizados por jovens, para ouvi-los em seus próprios termos e discursos. Nesta pesquisa, baseamo-nos nas reflexões em torno da relação dialética entre ação e estrutura/indivíduo e sociedade (ORTNER, 2007; BOURDIEU, 2013), tomando como contexto social e cultural as relações locais e translocais no oeste catarinense.

4.1 Jovens estigmatizados e criminalizados



Identificamos que tanto na escola como em espaços de lazer a repressão é a forma mais comum de abordar questões *tabu*, como a questão das “drogas” e das práticas dos/jovens que adultos não veem como legítimas. Nesse sentido, determinados sujeitos são naturalmente tomados como pessoas socialmente marginalizadas e na escola também são marginalizados. Tais questões implicam discussões aprofundadas com vieses e perspectivas de reflexão crítica, porém, observamos que os espaços escolares reproduzem práticas sociais dominantes ao não problematizar essas questões.

4.2 Jovens estudantes-trabalhadores

Soube-se que na escola Lara Ribas, no período noturno, em 2015, entre aproximadamente 160 estudantes, apenas 16 não trabalhavam. Esse dado exemplifica uma condição bastante comum entre as/os jovens em idade escolar. A partir do trabalho de campo, constituímos a hipótese de que a independência que as e os jovens buscam conquistar pela esfera financeira, ao arrumar um trabalho, é também a liberdade de experienciar e expressar outras práticas, para além daquelas mediadas pela relação familiar. Outra faceta desta questão, remeteu-nos as práticas dos “Lads”, analisada por Paul Willys na obra *Aprendendo a Ser Trabalhador* (1991), e consiste na apatia das e dos jovens em relação ao conhecimento escolar. Verificamos, nas exposições escolares que visam fomentar o protagonismo estudantil que a explicação das/os estudantes nos seus respectivos estandes reflete o domínio do trabalho prático, de “como fazer”, porém não é aprofundada por explicações fundamentadas em reflexões científicas.

5 Conclusão

Os resultados e discussões deste projeto ainda estão sendo sistematizados, pois a pesquisa resultou em um volumoso material de campo. Ressaltamos que a compreensão das/os jovens enquanto atores sociais requer que reconheçamos que estes constituem um universo de mudanças e descontinuidades, implicando em constantes negociações-tensões entre a generalidade da categoria - abordada pelas Ciências Sociais e outras áreas do conhecimento - e a atualização subjetiva inerente às vivências concretas por jovens em contextos históricos definidos.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Estrutura, habitus e prática. In: **A Economia das trocas simbólicas**. São



Paulo: Perspectiva, 2013

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, (1922) 1978.

ORTNER, Sherry. **Uma atualização da teoria da prática**. In: Reunião Brasileira de Antropologia (2ª : Goiânia : 2006) Conferências e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra, 2007.

REGUILLO, Rosana. **Culturas juveniles: formas políticas del desencanto**. Buenos Aires: Siglo veintiuno Editores, 2012.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Palavras-chave: Antropologia; Etnografia; Modos de identificação autônomos dos jovens; Sociologia no Ensino Médio; Estágio Curricular Supervisionado I.

Financiamento

FAPESC/UFS.